
27/10/94

Programa Jornal
Bandeirantes Gente
Rádio Bandeirantes
Fita 27 Lado B e Lado A
Escuta: Alexander

Zé Paulo : Vou começar essa conversa com Mario Covas.

Como é que é o segundo turno. É uma outra eleição como se tivesse sendo realizada vários anos depois do primeiro turno.

Salomão : É começar de novo, heim?

Covas : Olha eu acho que é praticamente uma outra eleição sim.

Embora ela tenha a característica do primeiro turno, é obvio.

Salomão : É outra eleição pra quem deixou de ganhar por 2%.

Covas : É uma outra eleição.

Salomão: É uma outra chatiação seu Mario, parece que...

Covas : Não, não, não. É uma outra eleição sim. Não dá pra brincar com essas coisas, veja como é que está, como...está se comportando o eleitorado de Minas Gerais ou do Rio Grande do Sul.

De forma que... você tem realmente um processo, não é propriamente uma outra eleição os personagens são os mesmos, etc. mas a toda uma conduta, toda uma maneira de agir cercando isso que pode favorecer ou desfavorecer a... aqueles que... afinal o povo definiu pro segundo turno. É um ou dois turnos é muito difícil no Brasil a gente entender a mecânica e a maneira de ser dos dois turnos. Dois turnos é uma herança que nós

recebemos do Parlamentarismo.

O que é o Parlamentarismo?

Parlamentarismo é o regime das maiorias. Portanto essas maiorias tem que estar sempre definidas, não dá pra você montar uma maioria a partir do fato que você elege alguém por uma minoria. Você tenta construir essa maioria do processo eleitoral. De que maneira?

Em parlamentarismo se dá peso a proposta de governo, aqui dá pra valer, cada partido tem historicamente proposta e se sabe quando partido vai chegar no governo que tipo de proposta ele vai defender. No primeiro turno cada eleitor faz a sua opção, porque tem N candidatos ele pode escolher entre todos e escolhe o da sua preferência. Bem mas ele não tem garantido que no segundo turno o candidato da sua preferência vá para o segundo turno. A definição sob quem vai pro segundo turno é uma definição popular, e portanto no segundo turno cada partido não escolhe mais o candidato da sua preferência, ele faz uma opção entre os dois que o povo determinou. Olha isso leva a relacionamento de natureza partidária completamente diverso no segundo turno. Primeiro turno meu partido fez uma aliança, aliança clara, explícita, transparente, é... alguns

gostaram outros não gostaram eles assumiram e ponto final, fez uma coligação. No segundo turno não. No segundo turno está em jogo que uma série de partidos não viram seus candidatos irem pro segundo turno e vão tomar uma de três decisões. O apoio ao candidato A, o apoio ao candidato B ou simplesmente não apoio nenhum dos dois de forma que a relação partidária no segundo turno é diferente da de primeiro turno e é diferente da usual. O que permite por exemplo o PT reunir e dizer o seguinte: " Nós recomendamos o voto do Mario Covas todavia já afirmamos antecipadamente que ninguém do PT vai estar no governo dele, nem nós vamos fazer oposição."

Eu me lembro que a quatro anos quando ouve minha candidatura a presidente é...discutindo nosso apoio ao PT eu disse: Nós vamos fazer com que o PT , nós vamos tenta fazer com que o PT mude algumas de suas propostas de governo. E aí alguém perguntou: Pô e depois deles eleitos eles não cumprirem isso. Nós abandonamos e fazemos oposição e nada mais lógico do que isso, é exatamente a posição que o PT adota agora e ela é lógica ela tem sustentação, quer dizer, apenas na decisão entre os dois é que o apoio se dá, portanto é um apoio de características especiais.

Zé Paulo : É um apoio crítico.

Covas : É. Não é fácil inclusive você convencer o eleitor a seguir esse apoio. Pela seguinte razão, porque nós não temos cultura eleitoral de dois turnos.

Zé Paulo : O senhor estava falando aí o do parlamentarismo. O parlamentarismo pressupõe, não é, e a gente repete sempre aqui partidos fortes que nós não temos né no regime presidencialista...

Covas: Mas é parlamentarism...

Zé Paulo : Nós fomos até a metade aí do parlamentarismo e depois abandonamos.

Covas : Sim, sim , mas nós já sabemos que o presidencialismo não vai ajudar partidos fortes e portanto o que vem primeiro o ovo ou a galinha. Quer dizer o que é principal é você primeiro criar partidos fortes pra depois ter parlamentarismo ou é você ter parlamentarismo e com isso ver nascer partidos fortes. Porque com o Presidencialismo já tá grave que vamos ter partidos fortes.

Salomão : Já tá exaustivamente testado.

Covas : Testado, demonstrado. Então eu acho que o próprio exercício do Parlamentarismo vai criar uma democracia estável em segundo lugar vai criar uma, uma... estrutura de natureza partidária que tende a se aperfeiçoando ao longo do tempo até porque que ela não se aperfeiçoar ~~ela não exerceita o..a...~~ vida no parlamentarismo.

8:51 : Um dos assuntos que antecederam a participação de Mario Covas aqui no programa foi exatamente a violência no Rio de Janeiro. De que maneira o candidato encara a... o problema de segurança aqui em São Paulo, nós estamos próximo do Rio de Janeiro a preocupação é válida, ainda não chegamos lá, como é que o senhor vê a questão do crime organizado principalmente preocupa que muito.

Covas : Olha, o crime organizado aqui em São Paulo acho que tem diferentes características diferentes do Rio, e acho que no Rio o crime organizado chegou com uma dimensão que ele se extruturou em termos de estado. Eu li duas notícias nesta semana estarrecedoras. A primeira das notícias: O crime organizado deu prazo a universidade federal do Rio de Janeiro de uma semana pra mudar o seu horário, não pode funcionar à noite porque tem toque de recolher, então a Universidade do Rio de Janeiro que tem lá 5 , 10 mil estudantes sei lá, vai ter que reorganizar se quiser aceitar o ultimato, vai ter que reorganizar o seu horário curricular pra efeito de se adaptar as conveniências do crime organizado, sem o que sofre profunda dificuldade.

A segunda notícia que eu li é que hoje recruta-se na favela jovens como se recruta no exército, quer dizer o crime organizado recruta jovens que necessariamente partem para a marginalidade. Fazem carreira ali, tem tempo de preparo exatamente como militar tem no... e você chegou a um limite do crime organizado extraordinário, aqui o crime organizado é direcionado pra outras coisas, em geral

pra patrimônio, quer dizer, você tem crime organizado aqui como? Você tem na esquina, as esquinas conhecidas onde se rouba rolex, o que evidentemente é crime organizado, porque rolex qualquer um não vende, precisa ter um craque intermediário pra receber os relógios e vender. Outra coisa é o roubo de veículo de carga, não se rouba veículo de carga qualquer, com carga variada, se rouba veículo de carga que transporta cargas ricas, tipo remédio, tipo sei lá, algumas cargas que você possa transferir.

Salomão: Cargas inteiras de televisores.

Covas: Sim senhor, agora, carga de remédio, o intermediário final, ele não abre uma farmácia pra vender, é evidente que ele tá colocando no mercado de uma forma organizada./ E o desmanche de automóvel? São Paulo é o lugar do mundo onde mais se rouba automóvel. Bem, nós sabemos que o automóvel depois de roubado passa por uma determinada mutação, e essa é feita dentro do chamado desmanche.

Salomão: Quer dizer, o montante de dinheiro girando em torno disso se equivale ao do Rio de Janeiro?

Covas: Não não , não creio porque lá você tem o bicho, lá você tem o tóxico. Você tem o tráfico de drogas que envolve valores muito altos. O que acontece é que no Rio eles se estruturaram em competição com o estado.

Zé Paulo: O vazio do estado permitiu isso daí. O candidato Mário Covas acaba de dar uma diretriz do que será uma política de segurança. Nós temos batido nisso daqui muitas vezes, é mais fácil, é lógico isso aí, combater o receptor do que ir atrás do puxador de fumo, do ladrão de rolex.

Salomão: Tanto é que cada um dos detidos informa pra quem vendia o relógio, os receptadores, os nomes são poucos, são conhecidos.

Covas: São poucos, nessa área você não tem 500 pessoas funcionando, você teria dois ou três, é demais, sendo que isso também não é fácil pra vender, hoje

o relógio rolex exige uma série de afirmativa de qualidade, etc, de garantia em relação ao rolex, isso não acontece em qualquer botequim da esquina.

Zé Paulo: Agora, nos casos dos desmanches por exemplo, nós sabemos aí, é evidente o envolvimento de policiais, tanto assim que toda vez que se prepara aí uma blitz, são avisados e colocam lá que estão fechados.

Covas: Que estão em férias coletivas.

Zé Paulo: Epidemia, acho que matou os familiares.

Covas: Isso acaba gerando, e porque há muito dinheiro envolvido, e porque há muito pouco salário envolvido, e por uma série de razões acaba envolvendo a corrupção policial, lógico. Mas eu acho que o principal problema no Rio, quando essa coisa ganhou uma dimensão inenarrável. Porque essa tentativa de intervenção do exército que no final eu acho errada, eu acho que o papel do exército não é esse.

Salomão: Pera lá, mas intervenção nós não tivemos no segundo turno lá nas eleições? A fraude eleitoral no Rio de Janeiro, é uma intervenção federal.

Covas: Não é intervenção que eu tô me referindo, eu acho errado é usar o exército, eu acho errado porque primeiro, o exército normalmente se compõem nessa fase de jovens inexperientes nessa atividade, em segundo lugar, porque se o exército falhar nessa tarefa, a quem se recorre depois?

Salomão: Mas Senador, em quanto tempo se preparou a FEB pra ir nos campos da Itália? Será que precisa mandar gente de 18 anos pro Rio de Janeiro se for tomada essa decisão? É assim que será feito?

Covas: Não, eu acho que você precisa fazer a polícia federal e a polícia militar e a polícia civil funcionar, eu acho que pra isso é que elas são criadas, e eu acho que você não tem ali um acervo de pessoas deformadas na sua ação de natureza moral, muito provavelmente a grande maioria ainda atua de forma correta e portanto pode ser recuperada, pode ser resgatada numa tarefa... o que me parece é que há uma completa insegurança em relação ao que fazer. É evidente que esse pessoal tá armado até os dentes, usa armamento, pra mocidade, pra juventude, pra juventude sobretudo da favela, o herói é o traficante, não é a polícia, quer dizer, ele se apavora realmente quando a polícia chega e não quando o traficante chega, enfim, há uma relação de causa e efeito entre as necessidades da criança e que o traficante....

Salomão: O que teria levado uma pessoa experiente com o Brizola, ele não tá agora no segundo turno, tá afastado, mas uma curiosidade, acho que muita gente pensa, o Brizola a dizer que toda essa perseguição, a repressão que queriam que fosse feita, só atingiria os pobres, e ele parecia como defensor dos pobres, a voz dos pobres ao mesmo tempo, porque nos intreveiros da favela morre é pobre mesmo também. O estado cruzando os braços.

Covas: Claro, a afirmativa peca pela sua origem, porque na realidade você pregar o intermediário, o cara que sai atrás do jogo do bicho, é o cambista, o

cambista não é ninguém, ele simplesmente vai apanhar o jogo e transfere pro cidadão que comanda o jogo, mas isso leva a uma deteriorização, o principal problema é que no Rio o crime organizado ficou mais forte que o estado, ele funciona em paralelo. Devem haver escolas mantidas por ele, devem haver todo um instrumental, toda uma estrutura de ação substitutiva ao governo em relação ao qual eles consolidam o seu poder, não vê. Você imagina um ultimato dado pelo pessoal pra que uma Universidade Federal, isso é uma coisa impensada, a Universidade Federal, os senhores a partir de amanhã os senhores não vão dar mais aula a noite porque nós temos um toque de recolher. Isso é um desaforo, quer dizer, no fim acaba resultando nisso, você vai canalizar pra lá o que você tiver de mais forte pra ir no combate.

Salomão: Outro motivo que se envoca sempre é o fato da polícia estar desarmada, ela não pode enfrentar a sofisticação do armamento dos criminosos, dos bandidos, por isso se volta a lembrar o exército.

Covas: É, e até isso se daria uma desculpa ao exército que é no sentido de perseguir as armas que são privativas do exército e que hoje tá na mão desse pessoal. Agora, é um problema que ganhou uma gravidade, uma dimensão extraordinária, o Rio hoje virou, não é que o problema aqui em São Paulo é a violência, São Paulo seja menor, simplesmente eu acho que a violência aqui em São Paulo tem característica diferente da do Rio. No Rio o problema da violência nasce de uma estrutura que sedimentou claramente e que ganhou força pra enfrentar o estado.

Salomão: E a coisa está a tal ponto que hoje ele está indefeso de argumentos também. Falava-se da violência do rio e sempre vinha defensores, comparava com isso, com capitais do mundo inteiro, e com São Paulo também, hoje já parece que se desarmaram nesse entusiasmo.

Covas: A violência não há lugar no mundo onde a violência independente da sofisticação dos meios de que a polícia dispõe não tenha aumentado. Quem olha Nova York sabe que assim. Nova York a gente tá mais próximo, vê mais constantemente, assiste filmes que tratam desse conflito permanente em Nova York, mas isso vale hoje pra qualquer grande cidade do mundo. O que ocorre é que germina a violência por motivos da promiscuidade, por motivos da pobreza, da contradição social, agora no Rio essa coisa ganhou uma característica de que uma força extremamente poderosa, com recursos os mais variados a sua disposição, o que lhe dá armamento, lhe dá organização, etc, e vinculada, estabelecida nos setores onde o recrutamento é aparentemente mais fácil, nos setores mais desprotegidos da sociedade se coloca numa posição acima do estado, daqui a pouco eles fecham a ponte Rio-Niterói e ela só vai andar das 8 as 9 da manhã. Porque nós temos um determinado interesse do trânsito aberto aqui em face da nossa operação, e assim você monta uma porção de coisas sem que o estado tenha nenhuma capacidade de reação. Ao longo do tempo, é óbvio e é muito razoável que a gente admita que relações das mais espúrias entre governo e traficantes ocorreram. Olha, isso me lembra muito o Congresso Nacional, aliás eu vou mais longe, me lembra muito o exército nacional, por volta de 64, 65, 66, se você brigasse na rua com o Sargento que tinha mexido com a tua mulher, ele recebia de todos os seus companheiros de serviço como se isso fosse uma briga contra o exército, a rigor a instituição imediatamente

vinha em socorro do seu membro e se associava a ele no confronto com o que consideravam um assinte. No Congresso Nacional isso acontece muito, o jornal faz uma crítica ao congressista Antonio das Neves, esse cara aí fez essa besteira, normalmente a reação é de que você tá fazendo uma crítica contra a instituição, e na maior das vezes isso não é verdade não, não tem nada uma coisa com a outra, uma boa maneira de se evitar a crítica é você evitar que o Antonio das Neves faça a bobagem que ele faz, e a partir daí essas coisas não aconteceram.

Zé Paulo: Nós tivemos o Presidente da Assembléia Legislativa aqui que dizia quando ele andava na rua não era ele que andava, era o poder legislativo estadual que andava.

Covas: Eu carrego comigo a honra e a dignidade do poder.

Zé Paulo: Já já continuaremos entrevistando Mário Covas, candidato ao governo paulista, e batendo ainda nessa tecla da segurança pública. Voltamos a entrevista o Senador Mário covas, nós ainda temos um tempo em relação ao segundo turno que acontece no dia 15 de Novembro, vamos ter oportunidade de entrevistar outras vezes o candidato Mário Covas, então acho importante hoje, porque é uma preocupação geral nós tratarmos desse assunto com mais detalhes do que outros porque esta aí atual essa intervenção no Rio de Janeiro. Mas trazendo aqui pra São Paulo, a estrutura da polícia militar que é corporativa, da polícia civil que está desarticulada, baixos salários, o desespero batendo principalmente nas camadas mais baixas desse funcionalismo policial, como é que o candidato Mário covas encara esse problema aqui em São Paulo, vamos deixar um pouco o Rio de lado pra tratar aqui de São Paulo que também tem problemas sérios haja vista as denúncias do tal de Zézinho do Ouro que tá sendo um destemido, ele inclusive se considera aí jurado de morte e que a qualquer momento pode acontecer, vai lançar o livro e tal mas diz que os suspeitos já são do conhecimento público se acontecer alguma coisa comigo. Como o candidato pretende enfrentar esse problema de segurança.

Covas: Olha, em primeiro lugar vamos a um rápido diagnóstico, o que há com a polícia de São Paulo, ela é numericamente inexpressiva? Bem, a polícia militar aqui em São Paulo tem efetivo teórico de 86 mil pessoas mas na realidade tem 70 mil, a polícia civil tem cerca de 45 mil, 70 mil mais 45 mil dá 125 mil, nós temos 32 milhões de habitantes, isso significa um policial pra cada 300 habitantes, sabe onde tem esse quadro? Em Londres. Em Londres se tem 1 policial pra cada 300 habitantes, portanto do ponto de vista efetivo o problema não é. Passa a ser no instante que você tem em conta que a polícia militar não chega a 60% o nível de policiais que estão na rua, ou seja, grande parte deles foram convocados pra serviços burocráticos atendendo a chefias, etc, e portanto no objetivo que você persegue que é ter o policial na rua agindo de forma rápida, isto fica muito prejudicado. A polícia civil ela padece hoje de um problema seríssimo, há uma interferência de natureza política na polícia civil que é profundamente danosa. Outro dia fazia uma reunião com delegado, o corregedor estava junto, e ele me fazia essa afirmação que quase me estarreceu. Ele disse o seguinte, olha, nos últimos 8 anos os concursos se aviltaram tanto que chegaram a entrar 87 pessoas passando num concurso de delegado com antecedentes criminais. Essa interferência política faz com que se tire o

delegado de um lugar pra outro, que faz com que o delegado passe a ser, e é natural, as vezes há conflito entre autoridades locais e você tem que dirimir o conflito de forma correta. Mas apenas por motivo de natureza política, de natureza eleitoral, você transferir o policial de um lugar pra outro. Outro dia fazia uma reunião com a polícia militar e um funcionário de nível bastante baixo, eu quero saber os seguinte, se o seu governo vai acontecer o que me aconteceu, eu acabo de ser transferido da cidade onde eu estou porque eu não abri mão de em três oportunidades sucessivas multar o bicheiro. Se a razão por qual ele foi transferido é essa, não tem a menor dúvida que você tem que estar atento pra um negócio desses não deixar acontecer. O que que falta pra polícia, equipamento? não não é. Importou-se chapéu, capacete, importou-se botas, importou-se farda que é coisa que se produz aqui, alguns dos negócios produziram até processo. Falta o que? Automóvel? Mas eu vejo no armazém no ABC cheinho de carro da polícia esperando o momento propício pra ser distribuido a véspera do processo eleitoral, portanto não é nem equipamento. O que há é que você tem duas polícias com finalidades diferentes desentrosadas. Não dá mais pra discutir se deve ser uma só, a constituição já passou pela sua fase de revisão, permaneceu as duas polícias e ponto final, vai ter que operar com elas. Uma tem a função de prevenção, que é a polícia militar, outra tem a função de investigação que é a polícia civil. Outro dia eu estava numa reunião com delegados e o dramático é isso, você vê gente moça, com extrema vontade de modificar, se indignando com essa situação. Na Delegacia de Policia hoje voltou a conservar os presos a disposição da justiça. Eu estava com um delegado por exemplo de um dos distritos, pra ser mais exato do distrito onde mais se mata no mundo, não é em São Paulo, onde mais se mata no mundo, e ele me contava, olha, nós hoje por força do trabalho que temos que executar uma equipe da delegacia consta do delegado, do escrivão, do investigador e do carcereiro, a noite não tem carcereiro. No meu distrito em 4 celas tem 39 presos hoje, bem, eu não faço outra coisa se não cuidar daqueles presos, ou tá atento com relação àqueles presos.

Salomão: São verdadeiras empreiteiras dentro da cela, fazendo túneis de toda em toda hora.

Covas: Então eu digo o seguinte, eu hoje na minha delegacia faz boletim de ocorrência de 20% dos eventos, que na realidade investiga 4 dos 20%.

Zé Paulo: Daí a reclamação de quem procura uma Delegacia.

Covas: Esse problema vai ao extremo, vai até ao extremo da construção de penitenciária. Mas tem que fazer a penitenciária agrícola meu deus do céu

Zé Paulo: O senhor tem aí um plano pra isso Senador Mário Covas?

Covas: Pra que? Pra articulação entre as duas?

Zé Paulo: Articulação de presídios.

Salomão: Os chamados cadeiões não ameniza o problema do distrito pelo menos?

Covas: Tem que amenizar.

Zé Paulo: Ontem tivemos uma rebelião aí num desses cadeiões.

Covas: Você tem lá um dos cadeiões superlotado que acaba levando a isso mesmo, agora, é dramático, você põe o cadeião dentro do centro de moradia, criando aquilo permanentemente, ou se falar que se tira do Carandiru e se leva pra Lapa, quer dizer, a realidade dessas coisas deviam estar nas penitenciárias agrícolas, onde inclusive o preso devia estar trabalhando pra pagar pra família de quem ele causou prejuízo o ônus de natureza financeira.

Zé Paulo: Mas isso é utopia, quero saber agora a realidade.

Covas: Utopia? Por que? Mas eu não estou dizendo que o problema não vai ser resolvido por inteiro, eu tô dizendo é que você tem que fixar diretrizes que sejam cumpridas, e que se iniciem pra serem cumpridas ao longo do tempo.

Zé Paulo: Quais seriam as suas prioridades na área da segurança? O senhor ganhando a eleição, assumindo o governo, quais seriam as suas prioridades na área de segurança?

Covas: Primeiro de tudo, tentar fazer com que as duas polícias consigam trabalhar por igual, consigam trabalhar a favor e não concorrendo entre si.

Zé Paulo: Quem é que o senhor chamaria pra ser Secretário da Segurança Pública? Um militar ou um civil?

Covas: Não há razão específica nem de ser militar nem obrigatoriamente tem que ser um civil apenas porque um militar não serve. Vai buscar a melhor pessoa pra isso, e a escolha não recai sobre a roupa que a pessoa usa, não é isso que vai fazer recair. Alguém que seja capaz de cumprir uma proposta que passa por, hoje a polícia civil e militar não tem sequer o mesmo sistema de telecomunicações, hoje a polícia civil e militar não tem sequer o mesmo sistema de processamento de dados, então duas polícias, que operam na mesma cidade, com objetivos iguais, embora voltadas para atividades diferentes.

Zé Paulo: Na hora que se encontra é inimigo né? É uma guerra.

Covas: Tem que se encontrar, não precisa sair uma guerra não.

Salomão: Senador, com essas críticas a localização dos novos presídios, os chamados cadeiões, vamos definir claramente, a situação dramática do distrito policial, tudo que for feito pra amenizar essa situação.....

Covas: É indispensável pra delegacia funcionar. Selas dentro da delegacia são pra deter pessoas por um intervalo de tempo muito pequeno. Agora você ter 39 presos dentro de 4 celas, numa delegacia de uma região extremamente conflagrada, numa realidade se convoca atenção para aquilo. Olha, eu acho que há algumas coisas indiretamente ligadas a segurança que contribuem muito pra limitar o problema, por exemplo, 90% dos problemas de conflitos no bairro, em família, etc, esse pode ter solução na delegacia de polícia, com isso você tira

grande carga seja no poder judiciário, seja no resto. Eu penso na criação de centros integrados onde você tenha o juizado de pequenas causas, onde você tenha a ordem dos advogados, onde você tenha o defensor público, onde você tenha promotoria, onde você tenha delegacia de polícia, de tal maneira que o cidadão entra lá e sai com o seu problema desta ou daquela maneira resolvido. O número de condenações não cumpridas que existe em São Paulo, ultrapassa a casa dos 100 mil, e no entanto é muito provável se você for contar o número de pessoas que estão presas e que já cumpriram o tempo, leva a mesma coisa. Não acho que o problema da polícia seja fundamentalmente nem de efetivo nem fundamentalmente de equipamento de equipamento. O problema é de trabalho de entrosamento. O problema de trabalho de você tirar quem tá fazendo atividade burocrática e por esse pessoal pra ajudar na rua.

Zé Paulo: Eu quero saber o seguinte, a segurança pública é uma das suas prioridades?

Covas: Mas a segurança pública não é uma das minhas prioridades, a segurança pública é a terceira prioridade do povo de São Paulo. A primeira hoje é emprego, a segunda na área da saúde, a terceira é segurança, que vem adiante inclusive da educação.

Zé Paulo: Os outros temas nós vamos deixar pra um próximo programa.

Covas: Tudo bem, se você tiver a pretensão de fazer um programa de governo onde essa coisa seja levada em consideração não tenha a menor dúvida que a segurança passa a ser um problema. Eu acho que você tem corrupção? Lógico que você tem corrupção. Fui na polícia militar fazer uma reunião, levanta uma senhora e diz o seguinte, na minha casa eu trabalho, meus dois filhos trabalham, o meu marido que é policial militar ganha 188 reais por mês. e tá difícil de você dizer que um cara que ganha 118 reais deve oferecer a sua vida em um local a cada instante em cada esquina, não tem como fazer isso. Tudo bem, isso resolve apenas com que a gente constata? Não, a gente constata, sabe que precisa mudar e não sabe se tem os meios pra mudar, porque isso que eu tô dizendo pra segurança vale pra educação, aqui em São Paulo nós chegamos ao limite de que a carreira inicial do professor só é maior do que a do Piauí, todos os outros estados brasileiros pagam na carreira inicial pra professor um salário maior do que se paga em São Paulo.

Zé Paulo: Até Minas?

Covas: Até Minas.

Zé Paulo: Nós estamos falando nessa área de segurança e cabe bem aqui a notícia do falecimento do juiz do Tribunal de Alçada Criminal, Vanderlei Aparecido Borges, que durante muito tempo foi juiz corregedor chamado muitas vezes pra mediar esses conflitos que ocorria nos nosso distritos policiais, Vanderlei Aparecido Borges tava internado no hospital Osvaldo Cruz, faleceu ontem, e o seu corpo está sendo velado lá no Hospital Osvaldo Cruz e o sepultamento será as 11 hs da manhã nesta quinta-feira no cemitério da Paz no Morumbi. durante a sua carreira o juiz Vanderlei Aparecido Borges, e que ultimamente estava no tribunal de Alçada Criminal, só grangeou simpatias e

muito respeito por sua atividade. Ele teve uma participação muito grande, inclusive ao determinar as linhas que deveria seguir qualquer juiz corregedor que viesse depois dele, o que acontece até hoje o juiz corregedor tem sido aí um poder moderador nesses conflitos de presídios. Mas continuamos falando sobre segurança Senador Mário Covas.

Salomão: O Senador falou que o problema não é de armamento, como é que a gente recebe a notícia do rol das coisas insólitas que o nosso entrevistado lembrou agora a pouco, de um delegado do Rio levantar uma verdadeira fortaleza, aqui os bandidos não entram, a delegacia se orgulhando de estar com aparato pra impedir que os bandidos invadam a delegacia. Não é falta de armamento? O que tá faltando. Já voltamos ao Rio, sempre tem que voltar pro Rio.

Covas: Tudo bem, eu não estou me referindo especificamente ao Rio, tô dizendo que aqui em São Paulo todas as indicações apontam noutra direção, não fora assim, você não teria fechado dentro de um armazém, algumas centenas de carro que não foram distribuídos evidentemente esperando a conveniência de natureza eleitoral. Importou-se pra São Paulo ao longo dos últimos 8 anos, capacete, importou-se bota, até artigos que aqui são produzidos, foram importados, você não tem esse problema. a escola de bombeiros custa mais que a escola de bombeiros de Los Angeles, que é uma das mais bem feitas do mundo. Há uma relação de distribuição salarial inteiramente inadequada, isto acaba deteriorando o serviço e deteriorando moralmente, então você acaba tendo caso como esse, denúncias como essa. Eu não aceito, não me escrevo na idéia daqueles que acham que nós temos algum desvio atável, nós somos brasileiros e por somos brasileiros nós somos safados a outram, não é, somos sem vergonha por vocação. Agora não é possível aceitar a tese, porque no dia que eu aceitar essa tese eu aceito Hitler. Eu achar que alguém nasce deliberadamente para o sucesso, para o insucesso, eu necessariamente tenho que aceitar o que sustentou afinal todas as maluquices, todas as loucuras que o Hitler fez. Eu acho que é possível você orientar uma série de medidas, eu acho que direções de comandos estrategicamente bem situados (inaudível). Mas se você também não resolver o problema salarial não resolve coisa nenhuma, e resolver o problema salarial não basta constatar, porque você constata isso pra polícia, você constata isso pra educação, você constata isso pra saúde, você constata isso exatamente pros setores que a população mais deseja prestar.

Zé Paulo: Mas todo candidato a governador fala a mesma coisa, depois quando vai lá pro Palácio faz a mesma coisa que os anteriores, não dá aumento, diz que não tem dinheiro que a arrecadação tá....

Covas: Não tô dizendo que eu vou dar aumento, eu não vou dizer que eu vou dar aumento, eu paguei um preço muito grande porque com absolutamente seriedade tenho dito no (inaudível), eu não resolvo o problema da defasagem em um ano, e imediatamente os meus concorrentes passaram a dizer, o Covas não vai dar aumento, na realidade não foi isso que eu disse.

Zé Paulo: Como o outro também disse que não faz promessa também, então tudo bem né, o senhor também não promete.

Covas: Não, não é só não prometer, eu tenho consciência de que, dada a situação do estado, a defasagem hoje existente.

Zé Paulo: O outro tá dizendo que não promete, ele faz, e o senhor?

Covas: (risos) deixa o outro por conta dele. (risos).

Salomão: Não, mas há uma presunção de que covas cuidará dessa área, desse assunto também.

Covas: Sem dúvida, o que eu tô dizendo pra você é que por melhor que seja o projeto em qualquer das áreas, saúde, educação, segurança, o projeto passa necessariamente obrigatoriamente por você resgatar a dignidade salarial. Eu tô dizendo pra você que a moça, a esposa do policia me disse o seguinte, lá em casa trabalho eu, trabalha meus dois filhos, pra auxiliar na renda familiar, por que? Porque meu marido ganha 188 pratas por mês, e ganhando 188 pratas por mês ou ele vai arrumar um outro emprego, ou ele vai se desagregar moralmente também, ou ele vai arrumar um outro emprego e portanto fazer disso um bico, e portanto no efetivo você tem uma perda de potencial desse efetivo até porque você vai ter alguém que vai dar 10, 20% da sua capacidade de oferta.

Salomão: Finalmente, sem que isso sirva de parâmetro pra São Paulo, a intervenção do exército no Rio. Ele entra até pra contagem de votos né, tá contando votos, não é só intervenção.

Covas: Essa é uma barbaridade. Essa é uma barbaridade. Constata que houve fraude, que ele faz, nova eleição com os fraudadores inclusive. No final quem é punido pela fraude? O cara que não fez fraude.

Salomão: Nós manifestamos esse temor aqui, eu e o Zé Paulo.

Zé Paulo: É, o candidato por exemplo, o Roberto Campos, ele pode ser prejudicado agora no segundo turno.

Covas: Mas não é só ser prejudicado, é que na realidade, se você chegou ao limite de fazer nova eleição pela fraude, não é possível você aceitar que os fraudadores estejam no processo.

Zé Paulo; E nós aqui não vamos resolver esse problema.

Covas: Nós aqui provavelmente não vamos resolver nenhum dos problemas, mas conversando aqui....

Zé Paulo: Eu quero saber o senhor governador do estado, o salário da polícia como é que vai ficar?

Covas: Mas meu deus do céu, com o que você paga salário? Você paga salário com a sua receita, nós chegamos a perfeição no ano passado de gastar 84% a mais do que arrebatamos. Então imaginar que você é capaz de chegar lá, constatar, e até constatar com antecedência que esse problema existe dessa

maneira, e simplesmente pelo fato de ter constatado poder resolver, não, vai demorar pra resolver.

Zé Paulo: O senhor vai fechar pra balanço o estado?

Covas: Não, eu não vou fechar pra balanço coisa nenhuma, imagina fechar pra balanço os ônibus em São Paulo, já imaginou? Já imaginou o estado fechar pra balanço em transporte coletivo? Já imaginou você bater num hospital e estar fechado pra balanço? Já imaginou você durante um ano não produzir nada na agricultura porque tá fechado.

Salomão: O Humberto Primo tá fechado, nem balanço tem mais no Humberto Primo.

Covas: O hospital reabriu, reabriu ontem. Mas não é só isso, eu acho que o Brasil tá hoje aí muito na iminência de um salto, eu acho, eu vejo o Brasil assim um pouco que um foguete na rampa de lançamento louquinho pra voar, louquinho pra deslanchar, louquinho pra decolar, a perspectiva dessa possibilidade é muito grande, e eu acho que o desenvolvimento o fator psicológico tem uma influência fundamental, portanto nesse instante falar em parar São Paulo é um absurdo tão grande exatamente porque não dá pra você pensar num salto brasileiro se não tiver com ele São Paulo.

Zé Paulo: O senhor vai governar com Deus também?

Covas: Lógico, vou governar com Deus, ou melhor, eu não vou abrir mão das minhas convicções em relação a Deus pra efeito de governar. Agora governar, tentar construir a democracia, tentar lutar por melhores condições sociais, não é empreendimento religioso, empreendimento religioso pode até levar as pessoas que o são, a adotar em relação a isso posições construtivas, mas o mundo da política e da construção da democracia, da construção social, é um mundo onde os religiosos de qualquer credo e até não religiosos podem se associar nessa tarefa, agora, eu porque acredito em deus, porque sou religioso, não preciso abandonar deus pra, pra, pra.....

Salomão: Com deus e todo mundo.

Covas: Mas eu acho que ele já tem um trabalho danado, eu não posso ainda jogar nas costas dele a administração do estado de São Paulo. As vezes as pessoas me dizem assim, eu rezo sempre pro senhor se eleger, eu não quero que ninguém reze pra eu me eleger, eu quero que alguém reze pra se eu for eleito poder dar curso a certas expectativas, aí sim, mas não acho que, naturalmente a tua pergunta faz referência a conduta do candidato concorrente, eu acho que cada um trata desse assunto segundo a sua própria visão, e eu pessoalmente, as minhas convicções religiosas pessoais, acho que não devo conduzi-las como parâmetro pra informar uma ação de natureza política.

Zé Paulo: Nós temos a confirmação da morte do torcedor do palmeiras. Há uma preocupação muito séria porque o Flamengo vem jogar amanhã contra o São Paulo no Morumbi e ontem houve telefonema dizendo que a torcida do Palmeiras estava preparando alguma coisa pra Via Dutra caso os torcedores do

Flamengo venham a São Paulo prestigiar o time no jogo de amanhã. então a polícia militar já está a par dessa situação e olha, é bom que cada um reflita porque tudo começa com uma grande mulecagem que no fim acaba em morte e nós temos aí a lamentar toda semana um torcedor atingido, triste isso né Senador, a gente que é esportista, que gosta do bom futebol, que é do tempo que se ia apenas pra torcer, a gente fica triste de ver tanta violência.

Covas: É triste, e começa a analisar porque que essa desgraça acontece né. quer dizer, há uma vertente de limitação até aí eu acho, quando você vê aqueles conflitos entre ingleses, holandeses, nos campos europeus, em países ricos, com torcidas ricas, não se trata nem de pobreza, de miséria, nada disso, é a violência como prática do cotidiano, e há sem dúvida nenhuma uma vertente de frustração eu acho. Eu acho também aquilo traduz um pouco desse se atirar numa situação qualquer em face de ausência de perspectivas etc. esse problema é grave no Brasil porque eu acho que aqui essa vertente é mais forte, mas a vertente da violência eu dizia a pouco, é generalizada no mundo, quer dizer, quando a gente vê torcedores holandeses, você tá acostumado a ver de tamanco, aquela gente que você via fantasiada, os tais de Holligans né, onde você vê isso acontecer, não pode evocar as razões daqui, não são pessoas miseráveis, não são pessoas que não tem como sobreviver, pelo contrário, você tá num dos lugares mais ricos do mundo, e no entanto o problema se repete lá. Aqui eu acho que tem uma componente adicional, uma frustração em relação a fortuna, a falta de expectativa e portanto a pessoa se joga nessa loucura da agressão pessoal.

Zé Paulo: E principalmente falta de fé também.

Covas: Também, sem dúvida.

Zé Paulo: Passa por aí também.

Covas: Também.

Zé Paulo: Tá bom. então Senador Mário Covas, nós vamos nos encontrar proximamente aí pra falar de outros assuntos importantes porque nesse momento o grande gancho é realmente a segurança pública por tudo que está acontecendo no Rio de Janeiro, mas nós não queremos nunca desviar a atenção aqui de São Paulo, porque em São Paulo existe tanta ou mais violência até do que o Rio de Janeiro, só que essa violência passa despercebida. Ainda essa semana nós tivemos um fato grave que não mereceu destaque que nós achamos que deveria, um coquetel molotóf jogado sobre o pátio da delegacia de Barueri incendiando vários dos carros que estavam ali estacionados.

Covas: Se tem outras manifestações desse tipo, o arrastão no Rio de Janeiro o que que é? O que que justifica que de repente um grupo de jovens rapazes saem fazendo aquela coisa, o que que tá contido por trás disso? O que que faz um agrupamento humano agir diante daquela irracionalidade? Sabe, essas coisas merecem um tratamento especial, mas merece um tratamento psiquiatrico também, merece um tratamento sociológico, merece um tratamento de verificar onde é que estão as origens desse tipo de coisa.

Zé Paulo: E por falar nisso, profissão em alta essa no Brasil, Sociólogo.

(risos)

Covas: Aliás alta nos limites. (risos)

Zé Paulo: Bom dia Senador.

Fim.
